

# Aula 5

Aspectos linguísticos da evolução  
do latim ao português: fonologia  
diacrônica (parte 1) – consonantismo

## **Meta**

Apresentar os quadros de consoantes do latim e do português, observando as principais divergências, bem como os processos fonológicos responsáveis por tais diferenças.

## **Objetivos**

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer as principais alterações no quadro de consoantes, do ponto de vista evolutivo;
2. comparar o quadro consonântico do latim com o do português, em busca de intersecções e diferenciações.

## Introdução

O assunto desta nossa aula será o *consonantismo*. Então, antes de começarmos, é importante que você entenda o que exatamente é isso. Em nossas aulas anteriores já vimos que a língua muda ao longo do tempo. Ao estudo das transformações sofridas pelas consoantes ao longo de sua evolução histórica chamamos *consonantismo*.

No caso da língua portuguesa, podemos afirmar que seu quadro consonantal apresenta segmentos mais simétricos, numerosos e bem equilibrados do ponto de vista estrutural, quando comparada à língua latina. Nos termos de Tarallo (1990), houve mais *ganhos* que *perdas* em relação às consoantes, ou seja, o português foi marcado pelo lucro de novas conquistas fônicas. O quadro a seguir sintetiza as perdas e os ganhos no que concerne às consoantes:

**Quadro 5.1:** Perdas e ganhos consonantais

Perdas	Ganhos
consoantes geminadas	quatro fricativas
	uma nasal
	uma líquida
	segmentos palatais

Para entendermos as perdas e os ganhos ao longo do tempo, comecemos analisando o quadro de consoantes do latim.

## O sistema consonantal latino

Assim posiciona-se Mattoso Câmara Jr, em relação ao quadro de consoantes do latim:

Abstraídas as considerações meramente fonéticas, que levam em conta as variantes posicionais, e até livres, das consoantes latinas, o quadro dos fonemas consoantes do latim é particularmente simples e não se presta a maiores dúvidas. (CÂMARA JR., 1976, p. 48).

De fato, os segmentos contrastivos do latim eram em número bastante reduzido:

- seis oclusivas;
- duas fricativas;
- duas nasais;
- duas líquidas (lateral e vibrante).

A perfeita simetria não se refletia nas demais séries, que continham apenas dois pontos de articulação, como se vê no quadro a seguir:

**Quadro 5.2:** Inventário de consoantes do latim

	labiais	alveolares	pós-alveolares
oclusivas	p, b	t, d	k, g
fricativas	f	s	
nasais	m	n	
lateral		l	
vibrantes		r r	



Falamos em perfeita simetria das oclusivas porque, no latim, elas contavam com três lugares de articulação e uma constante oposição de vozeamento, ou seja, para cada oclusiva surda havia uma sonora.

## Os segmentos /k, g/

A articulação dos segmentos /k, g/ dependia do som subsequente. Se a vogal seguinte fosse não recuada, isto é, /e, i/, esses sons eram produzidos como palatais, [c, ʃ]. Caso a vogal seguinte fosse recuada, isto é, /a, o, u/, a articulação correspondente era a velar, [k, g]. Oclusivas velares e palatais eram, pois, variantes condicionadas pelo contexto fônico seguinte. O esquema a seguir resume essa alternância.

[c, ʝ]	[k, g]
Antes de V não recuadas	Antes de V recuadas
<i>uicino, cippu, cito</i>	<i>acucula, periculu, cogitare</i>
<i>generare, gingivam, generum</i>	<i>navigare, augusto, paganu</i>



É importante ressaltar que as letras <c> e <g>, em latim, só são usadas na representação de [k] e [g], nunca com valor de [s] ou [ʒ], respectivamente, como acontece em português.

Jordan e Manoliu (1972) entendem que as combinações /k+w/ e /g+w/ constituem segmentos lábio-velares (/k<sup>w</sup>/ e /g<sup>w</sup>/ respectivamente) que contrastam com as velares correspondentes /k/ e /g/. Como os autores não apresentam pares mínimos que embasem sua proposta e o assunto é polêmico também na descrição do português – pois há fonólogos que consideram esses segmentos contrastivos na língua (BISOL, 1992, por exemplo) – optamos por não incluí-los no **Quadro 5.2**, que contém o inventário de consoantes que reflete a opinião da maior parte dos estudiosos na área.

## A aspirada glotal /h/

Zágari (1988) argumenta em favor do estatuto fonológico da aspirada glotal /h/, tendo em vista a possibilidade de ela se opor a sua ausência, a exemplo de ‘/h/ ortus’ (“horto”) vs. ‘ortus’ (“correto”). Além de envolvida em poucos pares mínimos, a aspirada só aparece na posição inicial, razão pela qual acreditamos que possa ser considerada **alofone posicional** de outro segmento, certamente uma **vibrante**. Qualquer que seja a interpretação fonológica dada a esse segmento, fato relevante do ponto de vista histórico, é seu sistemático apagamento, ainda que sobreviva na escrita de inúmeras palavras do português:

<i>habere</i> > haver	<i>homine</i> > homem	<i>hodie</i> > hoje
<i>herba</i> > erva	<i>hibernu</i> > inverno	<i>habile</i> > hábil

### Alofone posicional

Variação na produção de um som devido à sua posição na cadeia fonológica ou à proximidade com outros fonemas.

### Vibrante

Termo usado em referência ao tepe, /r/, e ao trill, /r/.



Diferentemente do português, em que a letra <h> não está associada a som algum em início de palavra, em latim, os vocábulos assim iniciados sempre eram produzidos com uma aspiração, o que equivale à emissão do <r> inicial de *rato*, por exemplo.

## As oclusivas

Já falamos da simetria na série oclusiva. De fato, cada segmento desvozeado apresenta um vozeado correspondente (/p:/b/, /t:/d/, /k:/g/), o que não acontece na série fricativa, com apenas dois segmentos, ambos desvozeados (/f, s/). Constata-se, ainda, outra assimetria na comparação entre as oclusivas e as demais espécies de consoantes: a falta de pós-alveolares.

Como se observa no **Quadro 5.2**, a série oclusiva é a única que apresenta segmentos articulados numa área posterior à da arcada alveolar, uma vez que as nasais (/m, n/), a lateral (/l/) e as vibrantes eram todas anteriores, isto é, apresentavam articulação mais à frente na cavidade bucal.



Para relembrar como as consoantes são produzidas, consulte o *site* [http://www.fonologia.org/fonetica\\_consoantes.php](http://www.fonologia.org/fonetica_consoantes.php).

## Os acréscimos consonantais do português

O **Quadro 5.3**, a seguir, sintetiza as consoantes do latim e do português, deixando fora da caixa as aquisições do português. Observe que os acréscimos fizeram com que o quadro resultante ficasse bem mais equilibrado, o que mostra que a mudança ocorreu no sentido de harmonizar as oposições consonantais:

**Quadro 5.3:** Aquisições do português em relação ao latim

p	b	t	d	k	G
f	v	s	z	ʃ	ʒ
m		n			ɲ
		l			l
		r			
		r			

Observe também que, com as aquisições, todas as obstruintes surdas passam a apresentar sonoras correspondentes, uma vez que o contraste de vozeamento se estendeu para as fricativas (/f/:/v/, /s/:/z/, /ʃ/:/ʒ/). Além disso, tanto a série nasal quanto a lateral refletem o ponto de articulação pós-alveolar já existente nas oclusivas. Por isso, na introdução desta aula, dissemos que o português possui um quadro fonológico bem mais simétrico.

Se você observou atentamente o **Quadro 5.3**, imagino que possa estar se perguntando:

**Que fenômenos, além da própria pressão interna em favor do preenchimento das lacunas, levaram à criação dos segmentos /v, z, ʃ, ʒ, l, ɲ/?**

Antes de responder a essa pergunta, cabe, primeiramente, falar da situação das geminadas, a perda fonológica à qual nos referimos no **Quadro 5.1**.

## A simplificação das geminadas

Chamamos *geminadas* às consoantes de dois tempos, isto é, consoantes de duração intrínseca duas vezes superior à das **homorgânicas** simples. Em latim, muitos segmentos contrastam com geminados correspondentes em posição intervocálica, como se vê nos dados a seguir:

<i>agger</i> (monte)	×	<i>ager</i> (campo);
<i>annus</i> (ano)	×	<i>anus</i> (anel);
<i>mollis</i> (mole)	×	<i>molis</i> (tu móis);
<i>cattus</i> (gato)	×	<i>catus</i> (cado).

O tempo na emissão das consoantes era relevante apenas na posição intervocálica, razão pela qual apresentava baixo rendimento estrutural, ou seja, não distinguia um grande número de palavras por se restringir

### Homorgânicas

Consoantes que diferem numa única propriedade articulatória, como o vozeamento (ex.: /f/ e /v/).

a esse ambiente. Esse fato, aliado à rápida difusão do latim em territórios de línguas com fonologia tão diversificada, levou ao debilitamento na articulação das geminadas, fazendo-as se igualar às não geminadas correspondentes. Na verdade, a duração, traço distintivo tanto de vogais como de consoantes em latim, não foi assimilada na maior parte dos territórios conquistados. Vejam-se os exemplos a seguir:

<i>bucca</i> > boca	<i>gutta</i> > gota	<i>cippu</i> > cepo
<i>sufferere</i> > sofrer	<i>assare</i> > asar	<i>annus</i> > ano

É impossível saber qual foi o sistema fonológico do latim vulgar porque as diversas mudanças: (a) não ocorreram simultaneamente e (b) não se manifestaram uniformemente em todas as províncias conquistadas.

Por isso, faremos, daqui em diante, uma tentativa de acompanhar cronologicamente a evolução do sistema latino, na linha direta das tendências da língua falada que resultaram na gramática fonológica do português.

## A situação das assilábicas

As letras <i> e <u> representavam, em latim, vogal ou consoante, a depender de sua posição no interior da sílaba. Quando pré-vocálicas, isto é, na posição de **onset** silábico, equivaliam aos *glides* /j/ e /w/: ‘iam’ (“já” - /’já/); ‘maior’ (“maior” - /ma’jor/); ‘uaca’ (“vaca” - /’waka/), ‘ouo’ (“ovo” - /’owu/).

### Onset

Conhecido também por *ataque* – é o constituinte da sílaba que precede o núcleo e geralmente corresponde a uma consoante. Mattoso Câmara Jr. denomina o *onset* de posição explosiva da sílaba – aquela em que se verifica um acento em direção ao pico (núcleo), elemento que, em português, sempre é uma vogal.



Zágari (1988, p. 102-103) leva em conta os seguintes aspectos para defender o estatuto consonantal de <i> e <u> pré-vocálicos:

- O testemunho insuspeito dos gramáticos latinos. Nenhum deles, em momento algum, referiu-se a eles como constituintes de ditongos nessa posição [...].
- O aspecto distributivo acima declarado – posição pré-vocálica – é outro argumento, por ser esta, em latim, uma posição típica de consoante.

- Pelo sistema de oposição, vê-se que estes fonemas [...] não criavam oposições a vogais. A pertinência era em relação a uma outra consoante:

<i>iocus</i> : focus	<i>noua</i> : nota
<i>iactus</i> : tactus	<i>uas</i> : faz

- Os resultados românicos: [...] em todas as línguas evoluíram para consoantes.

A consonantização do *glide* /w/ data, aproximadamente, do século I d.C. (SILVEIRA, 1964). Por ser um segmento labial, contínuo e vozeado, esse segmento evolui para /v/, uma fricativa labial sonora, ou seja, /w/ perde sua articulação vocálica, mas se transforma numa consoante de articulação bastante aproximada. Em termos funcionais, já havia pressão para o preenchimento da “célula vazia” referente à homorgânica vozeada de /f/. Os exemplos a seguir comprovam a mudança /w/ > /v/:

<i>avis</i> > aves	<i>auena</i> > aveia
<i>uacare</i> > vagar	<i>uos</i> > vós
<i>uidere</i> > ver	<i>pauone</i> > pavão

Entretanto, a perda da semivogal recuada ocasionou novo desequilíbrio no sistema fonológico, já que /j/ deixou de apresentar seu par correlativo recuado. Com apenas um *glide* pré-vocálico, agora totalmente não integrado, o destino de /j/ não pôde ser diferente: sofreu consonantização em quase todas as línguas românicas, assumindo, em português, como /w/, também uma articulação contínua (fricativa) e vozeada. Sendo /j/ um segmento alto, produzido com grande elevação da língua em direção ao palato, deu origem a /ʒ/, segmento de articulação semelhante:

<i>Iesus</i> > Jesus	<i>ianuarium</i> > janeiro
<i>iurare</i> > jurar	<i>iustum</i> > justo
<i>iactus</i> > jato	<i>iam</i> > já

A criação de /ʒ/ tem, portanto, duas justificativas estruturais: de um lado, surge em decorrência da não integração de /j/ na língua, uma vez consolidada a consonantização de /w/; de outro, surge da “casa vazia”

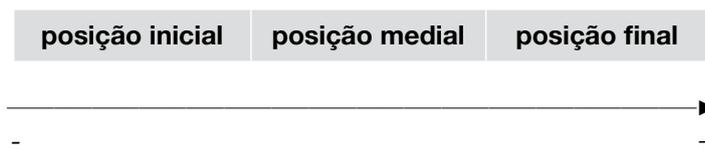
referente a elementos pós-alveolares na série fricativa. Começa, assim, um lento e progressivo movimento em direção à simetria observada no **Quadro 5.3**.

## Consoantes: do latim ao português

Dois processos caracterizam a evolução do sistema consonantal latino-português: (a) tendência à **lenização** articulatória, isto é, ao abrandamento na realização de segmentos, e (b) aquisição da palatalização.

Os dois processos foram condicionados por ambientes fonológicos particulares. Começemos abordando a lenização.

Há uma progressiva tendência à lenização, da posição inicial à posição final da consoante no interior da palavra:



Desse modo, a lenização é mais fraca na posição inicial, em decorrência do chamado *acento de insistência*, que sempre incidia na primeira sílaba (na próxima aula, abordaremos melhor a questão). Em função disso, os segmentos iniciais tenderam à manutenção. Na posição medial, a lenização foi um pouco maior, levando a substituições ou a quedas. Na posição final, a lenização foi tão forte que levou as consoantes a atingirem o zero fonético. Confira o quadro de tendências a seguir:

**Quadro 5.4:** Tendência à lenização articulatória do início ao fim do vocábulo

posição	transformação	contexto
inicial	permanecem	quando diferentes de /k,g/
	modificam	quando /k,g/ antes de /i, e/
	sonorizam	quando surdas intervocálicas
medial	caem (em geral)	quando sonoras intervocálicas
	caem	final absoluto de palavra
final	permanecem	caindo a vogal final

### Lenização

Termo usado em referência a qualquer processo de enfraquecimento (abrandamento) articulatório.

Como regra geral para as consoantes em início de palavra, pode-se afirmar que elas tenderam à preservação, conforme os seguintes exemplos, todos retirados de Tarallo (1990, p. 108):

/p/ = /p/: <i>pedem</i> > pé	/b/ = /b/: <i>bonum</i> > bom
/t/ = /t/: <i>tela</i> > teia	/d/ = /d/: <i>dare</i> > dar
/k/ = /k/: <i>carum</i> > caro	/g/ = /g/: <i>gutta</i> > gota
/f/ = /f/: <i>faba</i> > fava	/s/ = /s/: <i>salire</i> > sair
/m/ = /m/: <i>manun</i> > mão	/n/ = /n/: <i>nidum</i> > nenhum
/l/ = /l/: <i>luna</i> > lua	/r/ = /r/: <i>rota</i> > roda

Na série inicial, a única mudança ocorrida, fora a que aconteceu com as semivogais, envolveu as oclusivas pós-alveolares (/k, g/) precedidas de /i, e/, que, já na fase latina, como vimos, eram articuladas palatais ([ç, ʝ]).



Teyssier (1997, p. 11) observa que o processo de palatalização iniciou-se já na época imperial, em quase toda a România, vindo a ocasionar, posteriormente, realizações africadas, respectivamente, [kʲi], [kʲe] e [gʲi], [gʲe].

No caso do português, as africadas surdas apresentaram comportamento diferente do das sonoras. A surda se tornou alveopalatal, [tʃ], para depois de se transformar em alveolar ([ts]), perder a oclusão e evoluir para uma fricativa ([s]). A sonora, [dʒ], por sua vez, apenas passou à fricativa (nos exemplos a seguir, lembre-se de que as letras <c> e <g>, em latim, representam os sons /k/ e /g/):

<i>ceram</i> > cera	<i>cervum</i> > cervo	<i>cito</i> > cedo
<i>gemere</i> > gemer	<i>geminum</i> > gêmeo	<i>genuclum</i> > joelho

O processo histórico que abrandou as oclusivas velares, transformando-as em fricativas, pode ser visto ainda hoje na morfologia do

português, como atestam dados do tipo ‘históri[k]o’ > ‘histori[s]ismo’ e ‘filólo[g]o’ > ‘filolo[ʒ]ia’. Desse modo, /k/ e /g/ latinos precedidos de /i, e/ têm como correspondentes em português, respectivamente, /s/ e /ʒ/. Veja-se, a seguir, a evolução completa de *ceram* e *gemere*:

*ceram* ([k]) > *cjeram* > *tfera* > *tsera* > *cera* ([s])

*gemere* ([g]) > *gjemere* > *dʒemere* > *gemer* ([ʒ])



Câmara Júnior (1976, p. 51) afirma que “/k/ - /g/, diante de /e, i/, quando eram pós-palatais, e não velares, sofreram um processo de assimilação à vogal anterior que lhes seguia, e se tornaram anteriores, perdendo a oclusão”.

Ainda no que diz respeito à evolução de /k, g/ diante de vogais não recuadas (anteriores), pode-se afirmar que, em posição medial, o processo de assibilação se deve “à profunda, extensa e vitoriosa tendência que a língua portuguesa tem de desfazer hiatos” (CÂMARA JR., 1976, p. 76). Atuaram, nessa empreitada, vários processos fonológicos e o que nos interessa no momento é o fechamento de timbre da primeira vogal do encontro, transformando-a em *glide* e, conseqüentemente, formando um ditongo crescente, para depois desfazer a contigüidade de dois ápices silábicos por meio da mutação consonantal. Desse modo, um /ʒ/ português também pode estar associado a um /d/ latino:

*lancea* > *lancia* > *lancja* > *lantʃa* > *lantsa* > *lança*

*video* > *vedio* > *vedjo* > *vedʒo* > *vejo*

Dois outros processos fonológicos afetaram as consoantes intervocálicas: a sonorização das surdas (/p, t, k, f/) e o enfraquecimento das sonoras, sobretudo oclusivas (/b, d, g/) e líquidas alveolares (/l, n/).

As surdas intervocálicas (ambiente V\_V), via de regra, se tornam vozeadas:

/p/ > /b/:

*sapone* > sabão; *lupum* > lobo; *sapere* > saber; *superbiam* > soberba;  
*capitulum* > cabido

/t/ > /d/:

*uitam* > uida; *mutum* > mudo; *potere* > poder; *totum* > todo;  
*monetam* > moeda; *catenam* > cadeia; *acutum* > agudo

/k/ > /g/ (se antes de /a, o, u/):

*secare* > segar; *dico* > digo; *pacare* > pagare; *carricare* > carregar;  
*acuculam* > agulha; *ciconia* > cegonha

/f/ > /v/:

*aurificem* > ourives; *trifolium* > trevo; *profectum* > proveito;  
*defensam* > defesa; *aurifices* > ourives

/s/ > /z/:

*thesaurum* > tesouro; *sponsum* > esposo; *rosam* > rosa; *ansam* > asa;  
*causam* > causa; *mensa* > mesa

As sonoras intervocálicas lenizam e, na maior parte dos casos, sofrem síncope, isto é, caem. Na série oclusiva, admite-se ter havido um processo geral de fricativização, uma vez que inscrições do séc. IV d.C. denotam que o /b/ intervocálico era francamente articulado como segmento contínuo labial vozeado ([β]), produção encontrada no espanhol e em alguns dialetos de Portugal (SILVA NETO, 1992). Se o /b/ enfraqueceu e se transformou na fricativa bilabial [β], é provável que os demais membros de sua série, [d, g], devido à simetria, sofreram, no mesmo ambiente, análogo debilitamento, articulando-se, pois, [ɖ] (fricativa alveolar vozeada) e [ɣ] (fricativa velar vozeada).



Confira a produção desses sons no seguinte endereço eletrônico:  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto\\_fonético\\_internacional](http://pt.wikipedia.org/wiki/Alfabeto_fonético_internacional).

O processo de fricativização se generalizou apenas na série labial. Isso porque a língua já dispunha de uma fricativa de articulação bem próxima, (/v/), resultante tanto da consonantização de /w/ (p. ex., *uidere* > ver) quanto do vozeamento de /f/ (p. ex., *trifulo* > trevo). Por isso mesmo, houve confluência entre os sons [β] e [v], diferentes apenas em relação ao articulador passivo (no primeiro caso, o lábio superior e, no último, os dentes incisivos superiores). Em outras palavras, o /b/ intervocálico tem como correspondente em português a consoante /v/, conforme atestam os exemplos a seguir:

<i>nébula</i> > névoa	<i>caballu</i> > cavalo	<i>habere</i> > haver
<i>trabe</i> > trave	<i>faba</i> > fava	<i>parabola</i> > palavra
<i>rabia</i> > raiva	<i>debere</i> > dever	<i>rebellare</i> > revelar

No que concerne aos demais segmentos oclusivos sonoros (isto é, /d, g/), ocorre predominantemente a queda (síncope). Com a alveolar (/d/), o cancelamento foi praticamente categórico, sendo inteiramente irrelevante a qualidade das vogais circunvizinhas:

<i>uidere</i> > ver	<i>radice</i> > raiz	<i>tradere</i> > traír	<i>gradu</i> > grau
<i>nodu</i> > <i>noo</i> > nó	<i>nudu</i> > <i>nuu</i> > nu	<i>sede</i> > sé	<i>pede</i> > pé

Quanto ao /g/, o cancelamento não foi geral, havendo preservação, substituição ou queda. Os três diferentes destinos da velar vozeada dependiam, grosso modo, dos segmentos vocálicos adjacentes. Entre duas vogais recuadas, /g/ tende à manutenção (primeira linha de exemplos). Se apenas a segunda é recuada, a queda quase sempre é o processo resultante (segunda linha):

<i>negare</i> > negar	<i>paganu</i> > pagão	<i>rogare</i> > rogar	<i>navigare</i> > navegar
<i>legale</i> > leal	<i>ligamen</i> > liame	<i>aligare</i> > aliar	<i>uagatiuu</i> > vadio



Não estamos assumindo que a mudança caminha sempre na mesma direção. Na verdade, apresentamos, aqui, as principais tendências gerais da evolução consonantal do latim ao português.

É claro que existem contra-exemplos para cada um dos processos comentados. Em *ruga*, por exemplo, espera-se a manutenção do /g/, tendo em vista a circunvizinhança de vogais recuadas. No entanto, o correspondente português é *rua*, com a queda desse segmento. Também em *plaga*, a manutenção era a tendência, mas a velar foi apagada, ocasionando a crase das vogais (*plaa*), posteriormente desfeita com a epêntese do glide /j/: *praia*.

Cabe relatar, por fim, uma última situação envolvendo a oclusiva velar sonora [g]: a lenização acompanhada de palatalização, processo semelhante ao que ocorreu com essa consoante em início de palavra. Na posição intervocálica, no entanto, o gatilho é a vogal /i/. Observe, nos dados, que a letra é a mesma, muito embora tenhamos [ʒ] em português:

*rugire* > *rugjire* > *rudʒire* > ru[ʒ]ir

*mugire* > *mugjre* > *muʒire* > mu[ʒ]ir

Frisamos que as oclusivas surdas se transformam em homorgânicas vozeadas no ambiente intervocálico. Assim, /p/ > /b/ e /f/ > /v/, por exemplo. Há duas situações, no entanto, em que o segmento surdo muda o ponto de articulação, além de se sonorizar: é o caso de /t/ e /k/, diante de /i, e/. Novamente aqui, opera o processo de africativização, descrito em Teyssier (1997): a oclusiva se transforma em africada para, logo depois, perder o início oclusivo. Nesse caso, porém, por encontrar-se em posição intervocálica, a consoante também vozeia e o resultado, nos dois casos, é [z]:

*acedu* > *ac'etu* > *atsetu* > *asetu* > azedo

*ratione* > *rat'one* > *ratsone* > *rason* > razão

O processo de sonorização foi tão geral que mesmo os grupos consonantais intervocálicos têm a primeira consoante transformada em vozeada:

*capram* > cabra    *petra* > pedra    *lacrima* > lágrima

Voltemos à questão do abrandamento articulatorio das consoantes na posição intervocálica. Até então, abordamos as oclusivas sonoras, mas nada dissemos a respeito das soantes (nasais e líquidas). Com as oclusivas sonoras, a lenização não se deu de modo uniforme, uma vez que implicou alteração de propriedades articulatorias (no caso de /b/ e /g/) ou queda (no caso de /d/).

Os únicos segmentos que efetivamente conservaram-se entre duas vogais são a nasal labial e as vibrantes. Também se preservaram, no interior da palavra, as consoantes em coda silábica, isto é, em posição de travamento (*superbia* > soberba, *agusto* > agosto, *legenda* > lenda). Nessa posição, apenas as oclusivas velares se vocalizaram, formando ditongos decrescentes: *regnu* > reino; *provectu* > proveito.

As soantes /l, n/ sofreram síncope no ambiente V\_V, criando encontros de vogais posteriormente desfeitos de maneiras variadas, como veremos na aula seguinte.

## **A síncope das soantes alveolares e seus reflexos na morfologia**

Na posição medial, intervocálica (V\_V), a lenização atingiu mais severamente as soantes alveolares (/l, n/), que chegaram ao zero fonético, isto é, sofreram síncope. Os reflexos desse apagamento são vistos no português arcaico (séc. XII-XV), fase histórica em que se verificam encontros vocálicos variados decorrentes da queda das soantes alveolares. Observe-se, a seguir, um trecho da *Crónica de Dom Fernando Lopes*, escrivão dos livros de d. João I e do infante d. Fernando. As linhas foram aqui numeradas por conveniência:

1	Razoões desvairadas, que alguuns fallavam sobre o casamento delRei Dom Fernamdo
2	Quando foi sabudo pello reino, como elRei requeira de praça
3	Dona Lionor por sua molher, e lhe beijaram a mão todos por Rãia, foi
4	o poboo de tal feito mui maravilhado, muito mais que da primeira; por
5	que ante desto nom enbargando que o alguuns sospeitassem, por o
6	grande e honroso geito que viam a elRei teer com ella, nom eram
7	porém certos se era sua molher ou nom; e muitos duvidando, cuidavam
8	que se emfa daria elRei della, e que depois casaria segundo pertença
9	a seu real estado: e huuns e outros todos fallavam desvairadas razões
10	sobresto, maravilhamdose muito delRei nom entender quanto desfazia
11	em si, por se contentar de tal casamento. E delles diziam que melhor
12	fezera elRei teella por tempo, e des casar com outra molher; mas que
13	esto era cousa que mui poucos ou ne nenhum, posto que entendessem
14	que tal amor lhe era danoso, o deixavam depois e desamparavam,
15	moormente nos primeiros anos. E deixadas as fallas dalguuns
16	simpreses, que em favor delleraçavam, dizendo que nom era
17	maravilha o que elRei fizera, e que ja a outros acontecera semelavel
18	erro, avendo grande amor a algumas molheres; dos ditos dos
19	entendidos fundados em siso, alguma cousa digamos em breve: os
20	quaaes fallando em esto o que parecia, diziam que tal bem querença
21	era muito degeitar, moormente nos Reis e senhores, que mais que
22	nenhuuns dos outros desfaziam em si per liança de taes amores. Ca
23	pois que os antigos derom por doutrina, que ho Rei na molher que
24	ouvesse de tomar, principalmente devia desguar dar nobreza de
25	geraçom, mais que outra alguma cousa, que aquel que o contrario
26	desto fazia, nom lhe vinha de bom siso, mas de sandice, salvo se
27	houssem dos homeens em tal feito lhe emprestasse nome de sesudo: e
28	pois que elRei Dom Fernamdo deixava filhas de tam altos Reis; com que
29	lhe davom grandes e honrosos casamentos, e tomava Dona Lionor,
30	que tantos com trairos tinha pera o nom ser, que bem devia seer posto
31	no conto de taes. Outros diziam, que isto era assi como door da qual
32	ao homem prazia e nom prazia, dizendo que todollos sabedores
33	concordavam, que todo homem namorado tem huuma especie de
34	sandice; e esto por duas razões, a primeira por que aquello que em
35	alguuns he causa intrinseca das outras maneiras de sandice, he em

36	estes causa de taaes amores: a segunda por que a virtude extimativa,
37	que he emperatriz das outras potemçias da alma açerca das cousas
38	senssivees, he tam doemte em taaes homeens, que nom julga o ogeito
39	da cousa que vee tal qual elle he, mas tal qual a elle parece; ca el jullga
40	a fea por fremosa, e aquella que traz dampno seer a elle proveitosa; e
41	por tanto todo juizo da razom he sovertido açerca de tal ogeito, em tanto
42	que qual quer outra cousa que lhe consselhem, podera bem receber;
43	mas quamto açena de tal molher a elle prazivel, cousa que lhe digam do
44	boom comsselho nom reçebe, se o consselho he que a leixe e nom cure
45	delle, ante lhe faz huum acreçentamento de door, que he fora de todo
46	boom juizo; de guisa que se he tal pessoa o que comsselhou, de que
47	possa tomar vingamça, tomaa assi como fez elRei Dom Fernamdo, que
48	mandou fazer justiça em alguuns do seu poboo, que o bem
49	comsselhavom em semelhamte caso, segundo já teendes ouvido.

Fonte: Lopes [13-?]

Como você pode observar no fragmento, os encontros vocálicos oriundos do apagamento de consoantes intervocálicas, sobretudo /l, d, n/, formando hiatos, são muito frequentes neste texto do século XIII, apesar da tendência à eliminação no século XV, atestada nos poetas do final da lírica trovadoresca (TEYSSIER, 1997, p. 48). São inúmeros os exemplos de hiatos:

*razões* (l. 1, 9), *maão* (l. 3), *poboo* (l. 4, 48), *teella* (l. 12), *moormente* (l. 15, 21), *taaes* (l. 22, 31, 36), *quaaes* (l. 20), *boom* (l. 26, 44, 46), *homeens* (l. 27, 38), *door* (l. 31, 45), *senssivees* (l. 38), *vee* (l. 39), *teendes* (l. 49).

Os encontros vocálicos são posteriormente desfeitos pela contração das duas vogais, a exemplo de *door* > dor e *boom* > bom, pela formação de um ditongo, como em *senssivees* > *sensíveis*, ou pela intrusão de uma consoante intervocálica (*vño* > vinho). Quando uma das vogais é nasal, o resultado da contração é também uma vogal nasal: *maão* > mão, *razões* > razões.

Não é difícil verificar a consequência desses apagamentos na morfologia, o que constitui mudança encaixada, tendo em vista que implica outras mudanças. Começamos com a descrição da síncope da lateral.

O **caso lexicogênico** do português é o acusativo. Por essa razão, as formas de plural terminam em -s, por oposição à falta desse segmento no singular, como em *canale vs. canales, fidele vs. fideles e cubile vs. cubiles*. Singular e plural tiveram destinos diferentes, uma vez que o primeiro foi caracterizado pelo apagamento da vogal final /e/, o que levou à ressilabificação da lateral, que passou de *onset* a coda, isto é, travou a sílaba final recém-criada: *canale* > canal; *fidele* > fi(d)el; *cubile* > covil.

No plural, o /e/ final se preservou graças à presença do -s, que travava a sílaba de que essa vogal era núcleo. Por outro lado, o contexto em que a líquida se encontra é V\_V, ambiente propício ao apagamento. Desse modo, o plural foi caracterizado pela manutenção da vogal /e/. Essa manutenção, no entanto, levou à queda da líquida /l/: *canales* > *canaes*, *fi(d)eles* > *fiees*, *coviles* > *covies*. Com o surgimento de hiatos, abundantes no português arcaico – como vimos na *Crônica de Dom Fernando Lopes* – processos fonológicos, a fim de evitar esse tipo de encontro e diminuir o número de sílabas sem *onset*, levaram ao alçamento da vogal final, criando ditongos nos dois primeiros casos (*canais*, *fiéis*) e promovendo a crase no último (*covis*). A irregularidade singular/plural em relação à manutenção da consoante lateral no singular e queda no plural tem, portanto, explicação histórica: singular e plural sofreram diferentes processos fonológicos.

Por situação semelhante passou a nasal alveolar /n/. Nesse caso, porém, esse segmento cai somente depois de nasalizar a vogal precedente. A nasalização desaparece quando as vogais posteriormente contíguas são diferentes (primeira linha) ou se encontram em posição não final (segunda linha).

*ponere* > *põer* > *poer* > por    *bona* > *boa* > boa  
*generale* > *gẽeral* > geral    *moneta* > *mõeta* > moeda

Quando as vogais finais são diferentes, favorecendo, portanto, a desnasalização, um *glide* epentético aparece para desfazer o hiato:

*avena* > *avẽa* > *avea* > aveia    *arena* > *arẽa* > *área* > areia

A nasalização não desaparece quando, em final de palavra, as duas vogais que favoreceram a queda da nasal são idênticas ou parcialmente idênticas (primeira leva de exemplos). A nasalização também persiste quando se desfaz o eminente hiato por meio da ditongação (segundo

### Caso lexicogênico

Caso a partir do qual se desenvolvem as palavras do latim nas línguas românicas. Em português, o caso lexicogênico é o acusativo. Já em italiano, é o nominativo.

bloco de exemplos). Esse processo, como vimos, distingue as duas fases do português arcaico:

<i>ieiunu</i> > <i>jejũu</i> > jejum	<i>unu</i> > <i>ũu</i> > um	<i>fine</i> > <i>fñe</i> > <i>fñi</i> > fim
<i>bene</i> > <i>bẽe</i> > bem	<i>lana</i> > <i>lãa</i> > lã	<i>sonu</i> > <i>sõu</i> > som
<i>veranu</i> > <i>verãu</i> > verão	<i>sanu</i> > <i>sãu</i> > são	<i>canes</i> > cães
<i>granu</i> > <i>grau</i> > grão	<i>panes</i> > pães	<i>limones</i> > limões

Como se vê, a queda de /n/ levou à criação de ditongos nasais, sobretudo -ão. No entanto, ditongos nasais também provêm da queda do /e/ final em sílaba aberta (terminada em vogal). Na *Crónica de Dom Fernando Lopes*, atestam-se alguns exemplos em que o ditongo ainda não havia sido formado, o que mostra ser a ditongação processo posterior a essa fase: *non* (l. 5), *geeraçom* (l. 25), *tam* (l. 28), *razom* (l. 45). Na verdade, são várias as terminações que culminaram no ditongo -ão, como vemos a seguir:

-anu:	<i>granu</i> > <i>grano</i> > grão; <i>sanu</i> > <i>sano</i> > são
-ane:	<i>cane</i> > <i>canē</i> > <i>cãn</i> > cão; <i>pane</i> > <i>panē</i> > <i>pan</i> > pão
-one:	<i>latrone</i> > <i>ladronē</i> > <i>ladrõn</i> > ladrão; <i>leone</i> > <i>leonē</i> > <i>leõn</i> > leão
-udine:	<i>solitudine</i> > <i>solidodine</i> > <i>solidõin</i> > <i>solidõ</i> > solidão
-unt:	<i>sunt</i> > <i>son̄t</i> > <i>sõn</i> > são
-unc:	<i>intunk</i> > <i>entunk</i> > <i>entũn</i> > então

Por ora, vale lembrar que, também aqui, temos uma mudança encaixada, pois as diferentes terminações de plural -ãos, -ães e -ões são ocasionadas por questões históricas: as diferentes combinações de vogais resultantes da queda da nasal, como se observa abaixo:

<i>granus</i> > grãos	<i>manus</i> > mãos	<i>orphanus</i> > órfãos
<i>panes</i> > pães	<i>capitanes</i> > capitães	<i>canes</i> > cães
<i>leones</i> > leões	<i>pauones</i> > pavões	<i>sapones</i> > sabões

## A criação de palatais

De uma forma geral, todas as consoantes palatalizáveis, isto é, aquelas em que a língua é órgão ativo, sofreram o processo de palatalização diante da vogal /i/, seja ela resultante ou não de alçamento. Desse modo, além da já existente /ʒ/, aparecem, em português, também /ɲ/ e /ʃ/:

*hodie* > *hodje* > *hodʒe* > hoje                      *inuidea* > *invedia* > *invedʒa* > inveja  
*palea* > *palia* > *palja* > *pala* > palha              *muliere* > *muljer* > *muler* > mulher  
*russeum* > *rossio* > *rossjo* > *roʒo* > roxo        *passion* > *passion* > *paʃion* > *paifon* > paixão

Outro segmento que se torna palatal no contexto de /i/ é a nasal alveolar. Portanto, a inclusão de /ɲ/ no quadro de consoantes se explica, primeiramente, pela tendência da língua à palatalização:

*línea* > *linia* > *linja* > *liɲa* > linha                      *uineo* > *vinio* > *vinjo* > *viɲo* > vinho  
*baneo* > *banio* > *banjo* > *baɲo* > banho              *ingeniu* > *engenjo* > *engeɲo* > engenho  
*ciconea* > *cegonia* > *cegonja* > *cegoɲa* > cegonha

A queda da consoante nasal e a consequente nasalização da vogal precedente também são responsáveis pelo surgimento da palatal /ɲ/, que tende a aparecer quando a vogal precedente ao /n/ sincopado é alta anterior (/i/), gatilho da palatalização, por ser um segmento de articulação francamente palatal. Novamente aqui, a tendência ao desfazimento de hiatos e a preservação do padrão silábico CV explicam as inovações na língua. Sequências com o hiato -iV-, em que V representa qualquer vogal diferente de /i/, são encontradas no português arcaico, a exemplo de *Raia* (l. 7), *rainha*, na *Crónica de Dom Fernando Lopes*. A seguir, são dados outros exemplos:

**Quadro 5.5**

Latim	Fase arcaica	Fase atual
<i>galina</i>	<i>galĩa</i>	galinha
<i>uinu</i>	<i>vĩo</i>	vinho
<i>molino</i> > <i>moino</i>	<i>moĩo</i>	moinho
<i>camino</i>	<i>camĩo</i>	caminho
<i>pinu</i>	<i>pĩo</i>	pinho

Realizações com o hiato [iV] são até hoje encontradas em alguns falares brasileiros, como o baiano, por exemplo, o que mostra que a variedade de língua que chegou até nós, por ser mais arcaica, ainda não tinha consolidado o processo de epêntese de /ɲ/. Quando o /n/ latino intervocálico é subsequente ao /i/, a inserção da palatal só não ocorre nos casos em que a vogal seguinte é idêntica ou quando /i/ é breve e se transforma em /e/, como veremos na aula seguinte. Nessas duas situações, a nasal cai e a vogal precedente se realiza nasal, havendo, posteriormente, a crase:

*uini* > *vii* > vim

*homine* > *homene* > *homee* > homem

*sine* > *sene* > *sêe* > sem

## Consoantes finais

Sem dúvida, a posição que menos resistiu à tendência à lenização articulatória foi a de coda final (final absoluto de palavra). Nesse ambiente, todas as consoantes caíram, sobretudo as oclusivas, fato que levou a rearranjos no sistema morfológico, já que /t/, por exemplo, era desinência verbal de terceira pessoa do singular:

*amat* > ama

*bibit* > bebe

*mutat* > muda

*quid* > que

*ad* > a

*vermen* > verme

*Job* > Jó

*nec* > nem

*intunk* > então

Das consoantes latinas finais, só se conservaram em português (WILLIAMS, 1961): (a) as nasais dos monossilábicos: *cum* > com; *in* > em; *quem* > quem; (b) o /s/ de plural: *aves* > aves; *caminos* > caminhos; *ouos* > ovos; (c) o /s/ de nomes próprios (*Marcus*, *Carlos*) e de advérbios (*magis* > mais; *minus* > menos).

A existência hoje de /r/ e /l/ em coda silábica é fruto de evoluções fonéticas outras, como a já aludida apócope de /e/ em final de palavra. Isso mostra que determinadas mudanças estão encaixadas em outras e, por isso, têm repercussão na língua como um todo:

*male* > mal

*amare* > amar

*fidele* > fiel

*muliere* > mulher

*uigilare* > vigiar

*legale* > leal

A queda do /e/ final, no entanto, não atingiu somente as soantes. Na verdade, afetou as alveolares (exceto a oclusiva), atingindo, igualmente, /s/. Essa consoante, no entanto, está muitas vezes relacionada a um /k/ etimológico (grafado <c>), que, como vimos, realizava-se palatal nesse ambiente e posteriormente tornou-se africado. Com a perda do início oclusivo, [ts] evoluiu para [s], que, assim, cria contexto para a aplicação da regra de síncope. Observe que as palavras resultantes são sempre grafadas com <z>, muito embora não sejam realizadas com a consoante sonora (trata-se apenas de convenção ortográfica):

*pace* > *pac'e* > *patse* > *pase* > paz

*rapace* > *rapac'e* > *rapatse* > *rapase* > rapaz

*uorace* > *vorac'e* > *voratse* > *vorase* > voraz

## Grupos consonânticos

Teyssier (1997, p.16) mostra que os grupos iniciais *cl-*, *fl-* e *pl-*, com segmentos surdos precedendo a lateral, sofreram, no galego-português, um processo de palatalização de /l/: /l/ > /l/. Ele observa, ainda, que “em castelhano, a consoante inicial caiu posteriormente, tendo restado o *l* palatal, transcrito *ll*; ex.: *plaga* > *llaga*; *clave* > *llave*; *flamma* > *llama*”.

No caso do português, ressalta o autor, “a evolução foi mais profunda”, pois os grupos consonantais produzidos com a líquida palatal (/pl, tl, kl/) acabaram se transformando, por um processo natural, numa africada alveopalatal /tʃ/, uma vez que a palatalização subsequente à oclusão cria situação propícia para a realização de uma consoante complexa, com término palatal, mas início de articulação alveolar por assimilação. Com a perda do início oclusivo, cria-se a fricativa palatal /ʃ/, também desenvolvida pela palatalização de /s/ diante de /i/, como vimos:

*plenu* > *plenu* > *tʃeo* > cheio

*flamma* > *flama* > *tʃama* > chama

*clamare* > *clamar* > *tʃamar* > chamar

Sabemos que a mudança nem sempre toma a mesma direção. Muitas palavras com esses grupos, as mais populares, foram caracterizadas pelo rotacismo, fenômeno que, nesse caso, consiste na permuta da líquida

pelo tepe. Encontramos esse processo em realizações como *praca* (por *placa*), *frocos* (por *flocos*) e *Craúdia* (por *Cláudia*). Como se vê, o que hoje constitui produção altamente estigmatizada esteve na base da formação histórica do português:

*flaccu* > fraco    *clauu* > cravo    *placere* > prazer

Os grupos iniciais e mediais com o tepe se mantêm na evolução para o português, a exemplo de dragão (< *dracone*), esfregar (< *sfricare*) e entrar (< *intrare*). Os grupos mediais com a lateral podem ter a primeira consoante lenizada em ambiente V\_V, ou seja, podem passar pelos mesmos processos que as consoantes simples: sonorização (*patrem* > padre; *socrum* > sogro) e fricativização (*libro* > livro). Além disso, podem, como na posição inicial, desenvolver uma fricativa palatal (*implere* > encher; *aflare* > achar, *masc(u)lus* > macho) ou passar pelo rotacismo (*implicare* > empregar, *eclesia* > igreja, *nob(i)lita* > nobreza).

## =====**Atividade 1**=====

### Atende ao objetivo 1

1. Diz a gramática de Coutinho (1938, p. 123) que os grupos consonantais *-br-*, *-cr-*, *-dr-*, *-gr-*, *-pr-* e *-tr-* apresentam, na passagem para o português, dois reflexos: um em que a forma é mantida e outro diferenciado. Analise os dados seguintes e decida se a mudança é estruturalmente condicionada e, se for o caso, explicita o condicionamento.

*-br- membru* > membro; *libru* > livro; *lib(e)rare* > livrar

*-cr- prescriptu* > prescrito; *lacrima* > lágrima

*-dr- lorandru* > loendro; *cat(h)edra* > cadeira

*-fr- sulf(u)re* > enxofre; *africu* > ábrego (arc.)

*-gr- nigru* > negro; *frangare* > cheirar

*-pr- scalpru* > escopro; *capra* > cabra

*-tr- intrare* > entrar; *putre* > podre

---



---



---



---



---

2. Explique o condicionamento que justifica as diferentes evoluções da oclusiva velar sonora (os pontos indicam fronteira de sílabas):

*e.go* > eu                      *re.ga.le* > real                      *a.gus.tu* > agosto  
*li.ga.mem* > liame              *ro.ga.re* > rogar                      *le.gen.da* > lenda

---



---



---



---



---

3. A seguir, são dados três processos fonológicos que operaram na evolução do latim para o português. Estabeleça a sucessão mais provável entre eles, justificando o ordenamento com exemplos que compõem o *corpus* dado logo abaixo.

sonorização de surdas intervocálicas

degeminação de consoantes

fricativização

*Corpus:*      *malum*              *abbate*              *additione*              *annus*  
                  *uitam*              *superbia*              *peccatu*              *pulica*  
                  *caballu*              *oculus*              *trabe*              *paganu*

---



---



---



---



---



---



---



---



---

### **Resposta comentada**

1. Pelos dados, observa-se que os grupos consonantais se conservam quando vêm precedidos de consoante. A mudança atua no contexto intervocálico, situação em que a primeira consoante do grupo se torna sonora, quando surda (*putre* > *podre*), e cai quando sonora (*frangare* > *cheirar*).
2. A oclusiva sonora sofre queda quando não é recuada por uma das vogais adjacentes, a exemplo de *ego* > *eu*. Se as duas vogais circunvizinhas são recuadas, esse segmento se mantém.
3. Pelos dados, pode-se observar que degeminação não ocorreu antes dos outros dois fenômenos, pois criaria contexto tanto para que surdas se sonorizassem (em *peccato*, isso não aconteceu) quanto para que sonoras lenizassem (em *additione*, o /d/ se mantém). Do mesmo modo, a sonorização não pode ser anterior lenização, o que levaria as sonoras resultantes, quando oclusivas, a passar pelos processos que caracterizaram essa série: apagamento com (/d, g/) e confluência com /v/. Isso não ocorreu, por exemplo, com *uitam* > *vida* > \**via* e *superbia* > *soberba* > \**soverba*. Desse modo, a sonorização e a degeminação são processos fonológicos que ocorreram numa fase histórica posterior à fase em que se deu o processo de lenização.

---

---

---

---

---

---

### **Atividade 2**

---

---

---

---

---

---

#### **Atende ao objetivo 2**

1. Sabe-se que o português apresenta um número elevado de ditongos decrescentes. O latim vulgar, no entanto, segundo comentam os gramáticos históricos, só dispunha do ditongo /ow/, que alternava com a vogal simples /o/ (*taurus* > *touro* ~ *toro*). Levando em conta o *corpus* abaixo, explique o surgimento de alguns ditongos decrescentes do português, analisando a evolução dos segmentos consonantais.

<i>cena</i>	<i>auena</i>	<i>paganu</i>	<i>gradu</i>	<i>malum</i>
<i>canes</i>	<i>papeles</i>	<i>profectu</i>	<i>regnu</i>	<i>capitanes</i>

---



---



---



---



---

2. Explique o surgimento de consoantes palatais a partir do seguinte grupo de palavras latinas:

<i>plano</i>	<i>palea</i>	<i>malea</i>	<i>vineo</i>
<i>gemere</i>	<i>baneo</i>	<i>hodie</i>	<i>passione</i>

---



---



---



---

### **Resposta comentada**

1. Os ditongos explicam-se pela queda das soantes intervocálicas, como em *malum* > mau, e pela queda de /d/ nesse mesmo ambiente, como em *gradu* > grau. Também se explicam pela vocalização das oclusivas /k, g/ em coda silábica, a exemplo de *regnu* > reino.

2. As palatais se originaram da dissolução de grupos consonantais, como *plano* > chão, e principalmente da presença de vogal alta anterior em posição subsequente à de consoantes em que a parte anterior da língua constitui articulador ativo, como /s/ (*passione* > paixão) e /l/ (*malea* > malha). A oclusiva velar sonora também se transforma em palatal quando seguida por /e, i/, a exemplo de *gemere* > gemer.

---



---



---

### **Conclusão**

Como se vê, são muitas as transformações das consoantes do latim para o português e muitas delas têm repercussão em outro componente, como o morfológico. A perda da geminação como propriedade contrastiva foi compensada pelo ganho de novas conquistas fônicas – as palatais

e novas fricativas sonoras –, o que fez com que o quadro se tornasse mais simétrico. Além disso, muitas mudanças efetuadas ao longo do tempo são encontradas hoje na forma de variações linguísticas, como é o caso da permuta de /l/ por /r/ nos grupos consonantais e a queda de consoantes finais, em realizações como *falá* (por falar) e *garage* (por garagem), por exemplo.

## Resumo

Fez-se, nesta aula, a apresentação das mudanças do latim ao português no que diz respeito às consoantes. Vimos que é extremamente importante, para a descrição dos processos fonológicos envolvendo tais segmentos, observar a posição da consoante não apenas no interior da sílaba (*onset* ou *coda*), mas também – e principalmente – no interior da palavra (inicial, medial e final). Observamos que duas principais tendências caracterizam a passagem do latim ao português: a lenização e a palatalização.

A lenização foi maior na posição final, o que levou à queda de quase todos os segmentos nesse ambiente, repercutindo, inclusive, na morfologia, como veremos em aulas posteriores. Em início de palavra, a principal mudança ocorreu nos grupos consonantais, quase todos evoluídos para /ʃ/. Em posição medial, as surdas sonorizaram e as oclusivas sonoras passaram a fricativas, apresentando diferentes destinos conforme o ponto de articulação. Assim, /b/ evolui para /v/, /d/ sofre síncope e /g/ pode se manter, apagar ou se transformar em /ʒ/, a depender das vogais circunvizinhas.

As consoantes alveolares se transformaram em palatais diante de /i/, o que justifica a existência de /ɲ/ e /l/ em português. Também as fricativas alveopalatais /ʃ, ʒ/ muitas vezes resultaram da palatalização de consoantes nesse ambiente.

A aquisição de novos segmentos fez com que o quadro fonológico do português se tornasse bem mais simétrico que o do latim.

## Informação sobre a próxima aula

Utilizaremos, na próxima aula, encaminhamento semelhante para descrever as mudanças ocorridas no quadro de vogais. Desse modo, algumas das questões discutidas nesta aula serão retomadas na aula

seguinte, e outras, como a criação de ditongos, serão aprofundadas com as informações referentes às mudanças vocálicas do latim ao português.

## Referências

BISOL, Leda. Aspectos da fonologia atual. *Delta*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 263-283, 1992.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 4. ed., Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 1. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1938.

IORDAN, Iorgu; MANOLIU, Maria. *Manual de Linguística Românica*. Madrid: Gredos, 1972.

LOPES, Fernão. *Chronica de el-rei D. Fernando*. [13-?]. Lisboa: Escrip-torio, 1895-1896.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1992.

SILVEIRA, Souza da. *Lições de português*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1964.

TARALLO, Fernando. *Tempos linguísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, 1997.

WILLIAMS, Edwin. *Do latim ao português*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1961.

ZÁGARY, Mario. *Fonologia diacrônica do português*. Juiz de Fora: Ed. da Universidade, 1988.

